

## Introdução

José J. Veiga é um caso raro na literatura brasileira, pois começa a ser esquecido justamente no momento em que a literatura fantástica, tão predominante em sua obra, começa, mais do que nunca, a ser apreciado tanto no Brasil quanto no resto do mundo. Enquanto Gabriel García Marquez e Jorge Luis Borges lotam as estantes de livrarias e são discutidos em aulas de literatura, Veiga fica sobrando como algo já passado, como um primeiro representante no Brasil, mas ainda muito incipiente, de um gênero que só agora atinge sua maturidade no continente Sul-Americano.

Embora sua obra tenha começado antes e terminado depois do período da ditadura (seu primeiro livro, “Os Cavalinhos de Platiplanto”, foi publicado em 1959 e o seu último, “Objetos Turbulentos”, é de 1997), Veiga acabou sendo muito associado a esse período, algumas vezes por interesse maior da crítica do que dele próprio. Sua fama maior se deu no final da década de 60 e nas décadas de 70 e 80 — época em que ele se transformou em uma espécie de moda.

Com o fim da ditadura, em 1985, a obra de Veiga começou a perder seu fôlego, sendo mais lida em relação à época, de maneira que tudo de fantasioso que havia em seus escritos não passaria de um modo de vencer os bloqueios da censura ou de satirizar, através da caricatura, o regime militar. A maior parte da crítica até hoje ainda sustenta essa posição sobre sua obra, por vezes nem mesmo o considerando um autor fantástico e situando-o no contexto dos movimentos de resistência e protesto.

A importância política desses movimentos foi e é enorme, mas eles acabam, enquanto crítica literária, perdendo muito da sua força nos dias de hoje, já passados mais de 20 anos do fim da ditadura, que os justificava e dava fundamento. A meu ver, isso explica, em grande parte, o desinteresse que rodeia o nome do autor desde então, um desinteresse que creio ser injustificado, pois há outros elementos tão ou mais importantes em sua obra e que podem ser claramente discernidos em um contexto literário mundial. Este trabalho será uma releitura de sua obra nesse sentido.

Também, devido a novas possibilidades de leitura desenvolvidas desde então, creio que será possível traçar uma nova abordagem mais abrangente e compreensiva da obra de Veiga, que permita o equilíbrio, em termos de leitura, dos elementos fantásticos e realistas de sua obra, sem privilegiar nenhum dos dois. Para isso, serão vistas as idéias sobre o fantástico nos trabalhos de Tzvetan Todorov e Christine Brooke-Rose e, com maior importância, as novas idéias sobre o conceito de *mimesis* (termo normalmente traduzido como “representação” ou “imitação”) principalmente nas obras de Paul Ricoeur e, mais recentemente, de Cláudio Veloso, que propõem uma atualização do pensamento de Aristóteles.

O primeiro capítulo do trabalho, portanto, avaliará as opiniões dos críticos e teóricos de literatura sobre Veiga, levando em consideração se houve uma progressiva mudança de foco, do seu lado fantástico para o seu lado político, nas leituras do autor.

O segundo lidará com o estado da questão da literatura fantástica, seguindo uma linha lógica de raciocínio que vai dos trabalhos de Northrop Frye até Christine Brooke-Rose.

O terceiro, como já mencionado, analisará as releituras do conceito de *mimesis* nas obras de Paul Ricoeur e Cláudio Veloso, que virão auxiliar uma interpretação mais elaborada e delineada da obra de Veiga, já que as noções desses teóricos permitem uma leitura das vias do imaginário que não ignora o contexto social.

O quarto e último capítulo fará uma análise direta da obra de Veiga com os conceitos supracitados, considerando se a releitura tentada foi ou não bem sucedida. Haverá também uma leitura mais profunda dos contos “Os Cavalinhos de Platiplanto”, “A Máquina Extraviada” e “Diálogo da Relativa Grandeza”.

Termino essa introdução com uma citação do próprio José J. Veiga, extremamente elucidativa no que diz respeito à sua obra:

Mas resumir o assunto de uma história, de um livro, é tirar-lhe o sangue. Pode-se resumir Moby Dick, por exemplo, dizendo que é a história de perseguição a uma baleia branca; ou que o Dom Quixote é a história de um cavaleiro espanhol que atacava moinhos de vento a lançadas. Uma história, ou um livro, quando bem realizados, já são resumos da aventura humana na terra.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Em entrevista no prefácio do livro “O Trono do Morro”. VEIGA, 1988, pg. 5.